



Traduzir criando: construir sentidos elaborando sinais-termos

Translate by creating: construct meaning by elaborating sign-terms

Neiva de Aquino Albres*

Elaine Aparecida de Oliveira da Silva**

Carlos Magno Leonel Terrazas***

Vânia de Aquino Albres Santiago****

Resumo: A partir da experiência do núcleo de pesquisa “Intertrads” em processos e interação, constrói-se esta pesquisa. Fundamenta-se na abordagem dialógica da linguagem (Bakhtin e o círculo) e na abordagem semiológica para o estudo das línguas de sinais (CUXAC, 2000), principalmente da iconicidade, que constitui a essência de uma gramática visual-espacial. Com um estudo de caso, apresentamos exemplos, retirados de nosso *corpus* de vídeos de análise documental de traduções, de sinais-termos padronizados. Tal repertório está publicado no glossário de sinais-termos disponibilizado em canal do *Youtube* do núcleo de pesquisa. Além disso, faremos reflexões provenientes da observação participante em grupo de pesquisa de falantes nativos surdos, engajados em atividades dialógicas. Discutem-se, a partir disso, as possibilidades de empregar os princípios da “expressão altamente icônica” no discurso

* Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - PGET e professora da área de Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais do Curso de Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais -InterTrads. E-mail: neiva.albres@ufsc.br

** Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Programa de pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET). Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Membro do Núcleo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais -InterTrads. E-mail: elaine.ufms67@gmail.com

*** Docente do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Programa de pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET). Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Membro do Núcleo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais -InterTrads. E-mail: carlos.terrazas@ifms.edu.br

**** Docente do curso de Especialização de Tradutores/Intérpretes de Libras e Língua portuguesa - Instituto de Ensino Superior de São Paulo - Singularidades, São Paulo, SP, Brasil. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais -InterTrads. E-mail: vania.santiago10@yahoo.com.br

espontâneo na elaboração de sinais-termos conceituais em processos de tradução de português para a Libras.

Palavras-chave: Cronotopo; Tradução; Libras; Sinal-termo; Iconicidade.

Abstract: This research is based on the experience of the research group " Intertrads " in processes and interaction. It is anchored in the dialogical approach to language (Bakhtin and the circle) and in the semiological approach to the study of sign languages (CUXAC, 2000), principally the iconicity constituting the essence of a visual-spatial grammar. With a case study, we present examples extracted from our corpus of videos, documentary analysis (of translations produced by the research center " Intertrads"), and standardized sign-terms published in the glossary of sign-terms available on the *YouTube* channel of the research group, as well as reflections from participant observation in a research group of deaf native speakers engaged in dialogic activities. We discuss the possibilities of employing the principles of "highly iconic expression" in spontaneous discourse in the elaboration of conceptual and academic sign-terms in translation processes from Portuguese into Libras.

Keywords: Chronotope; Translation; Libras; Sign-terms; Iconicity.

Introdução

As línguas de sinais são formas de comunicação visual e gestual utilizadas por comunidades surdas em todo o mundo. Essas línguas possuem estrutura gramatical própria e são capazes de transmitir informações complexas e expressar sentimentos, constituir intersubjetividades e ser elo de identidade entre pessoas que participam de uma mesma comunidade surda.

A convenção dos signos por uma comunidade de falantes é uma premissa para a desenvoltura das interações discursivas, para as relações interpessoais e para os processos de ensino-aprendizagem. A língua é viva e só existe, de fato, nas interações discursivas (VOLÓCHINOV, 2017).

As línguas de sinais tornaram-se objeto de estudo da Linguística desde a década de 1960 nos Estados Unidos, e desde a década de 1990 na França. No Brasil, estudos linguísticos ganharam força nos anos de 1990 (BRITO, 1995). As comunidades surdas, no Brasil, conquistam cada vez mais espaço de luta, alinhadas às reivindicações das pessoas com deficiência e às políticas de igualdade de minorias sociais nos anos de 1980 para, então, nos anos de 2000, conquistar o reconhecimento legal da língua de sinais no Brasil (BRITO, 2013).

Ao longo dos anos, a pesquisa e o desenvolvimento de sistemas de tradução e interpretação têm avançado significativamente, buscando facilitar

a comunicação entre pessoas surdas e ouvintes. Nesse contexto, um dos principais desafios enfrentados para a tradução e a interpretação é a criação de sinais, com o objetivo de expandir o vocabulário disponível e permitir a comunicação em diferentes contextos e áreas de conhecimento (FARIA-DO-NASCIMENTO, 2009).

Esse problema de pesquisa se constrói quando doutorandos surdos estão na Universidade. Como ensinar filosofia da linguagem no vazio lexical, uma vez que, nas interações pedagógicas, os sujeitos enunciam, explicam, perguntam, refutam, argumentam? Seria possível, a partir dessas interações, extrair modos de enunciar esses conceitos filosóficos em língua de sinais?

A elaboração e criação de sinais é um processo complexo que envolve a combinação de elementos linguísticos e culturais. Os sinais devem ser claros, distintos e compreensíveis, já que representam, ao mesmo tempo, os novos conceitos de forma orientada a partir de referências, em especial pela propriedade de iconicidade das línguas de sinais como forte motivadora na elaboração conceitual e criação de sinais, como veremos no referencial teórico.

No entanto, apesar dos avanços, ainda existem desafios a serem superados na criação de sinais para termos de diferentes áreas do conhecimento. A falta de padronização entre as línguas de sinais e a escassez de recursos e pesquisas nessa área são obstáculos que precisam ser enfrentados. Além disso, a criação de sinais para conceitos abstratos e termos técnicos pode ser especialmente complexa, exigindo um equilíbrio entre a representação visual e a expressão gestual.

Este artigo tem como objetivo apresentar uma revisão dos avanços recentes na criação de sinais, destacando as técnicas utilizadas, os desafios enfrentados e as perspectivas futuras a partir da experiência do Núcleo de pesquisa “Intertrads” em língua de sinais. Por meio dessa revisão, esperamos contribuir para o desenvolvimento contínuo da comunicação, para a formação de acadêmicos surdos nos mais altos níveis de escolaridade e para a acessibilidade, promovendo a igualdade de oportunidades e a valorização da diversidade linguística.

1. Contribuições da abordagem semiológica

Nesta seção, começamos por uma contextualização visando a situar a escolha epistemológica da teoria semiológica desenvolvida por Christian Cuxac (2000) em relação à Língua de Sinais Francesa (LSF), correlacionando-a à teoria de Taub (2001). Passamos, então, na subseção seguinte, a revisar alguns trabalhos dedicados ao estudo da criação lexical em línguas de sinais, principalmente para a área acadêmica.

As pesquisas de Cuxac (2000) sobre a LSF abordam a iconicidade e a formação de novos sinais, que são aspectos relevantes para a compreensão da semiologia dos sinais nessa língua. Nessa perspectiva, a iconicidade refere-se à propriedade dos sinais de uma língua de sinais que apresentam semelhanças perceptíveis com os conceitos que representam. Em outras palavras, os sinais podem ser icônicos quando possuem uma relação visual ou gestual direta com o significado que eles expressam. Assim, a iconicidade pode ocorrer por meio de semelhanças de forma, movimento, localização espacial ou outras características visuais (CUXAC, 2000).

A despeito de ter sido por muito tempo considerada uma característica não linguística, a iconicidade revela-se inegável nas línguas de sinais, permeando todos os níveis de sua estrutura linguística, tais como a morfologia, a sintaxe e o léxico. Cuxac (2001) afirma que a iconicidade configura-se como o princípio estruturador das línguas de sinais e como um modo de produção de sentido. Como aponta Garcia (2010), no discurso, ocorrem interações constantes entre unidades lexicalizadas e unidades altamente icônicas, sendo que até mesmo nos próprios gestos padronizados (unidades lexicais) existe uma carga significativa de iconicidade.

Cuxac realizou estudos e pesquisas explorando o papel da iconicidade na LSF e como ela contribui para a estruturação e a compreensão das línguas de sinais. O autor investigou como a iconicidade pode influenciar a formação de sinais novos na LSF, considerando a forma pela qual os usuários da língua de sinais criam sinais que são visualmente motivados e relacionados ao conceito que eles pretendem expressar.

Além disso, Cuxac também investigou a relação entre iconicidade e arbitrariedade na LSF. Enquanto alguns sinais são icônicos, outros podem ser arbitrários, ou seja, podem não possuir uma relação visual direta com o

conceito que representam. Essa dinâmica entre iconicidade e arbitrariedade é um aspecto interessante a ser explorado na análise semiológica da LSF.

Na teoria semiológica da iconicidade (CUXAC 1993; CUXAC 1999; CUXAC e SALLANDRE 2002; CUXAC, 2003; CUXAC, SALLANDRE, 2007), o conceito de transferência é compreendido como “as operações mentais por meio das quais é possível identificar formas e funções no plano discursivo - ou ainda como idealizações de experiências reais (imaginárias) são transferidas para o enunciado” (Naves, 2019: 105). São elas: a) transferência de forma e tamanho (TF); b) transferência de situação (TS); c) Transferência de pessoa (TP). Nessa perspectiva, considera-se que essas transferências são “expressões altamente icônicas”. Elas

são criadas quando os sinalizantes transferem imagens da sua experiência visual do mundo real diretamente para a língua de sinais. Estas são chamadas transferências de pessoa (no Brasil geralmente chamadas de “incorporação”), transferências de forma e transferências de tamanho (no Brasil, geralmente chamadas de “classificadores”) (SUTTON-SPENCE, 2021, sp).

Cumprе ressaltar que Sutton-Spence (2021) aponta para o fato de esses conceitos linguísticos de “incorporação” e “classificadores”, que vêm sendo usados no Brasil a partir de outros estudiosos, terem princípios semelhantes aos de Cuxac (1993).

Cuxac (1993) também descreve a transferência de situação (TS), em que o locutor pretende reproduzir com as suas mãos iconicamente o espaço que tem a sua frente, como se visse cenas à distância. Por exemplo, uma das mãos representa iconicamente uma pessoa descendo uma escada em movimento e a outra mão, um objeto, como uma porta ou uma escada. Nesse sentido, geralmente, a mão que representa a pessoa se movimenta, ao passo que a outra, a do objeto, permanece imóvel. Importante destacar que, na transferência de situação, também há a pessoa. Contudo, não ocorre a incorporação no corpo do locutor, e sim apenas em suas mãos, que revivem a cena de forma distante.

Cuxac (2001) considera que a quadridimensionalidade das línguas de sinais e a capacidade que elas têm de expressar vários elementos ao mesmo tempo, somada aos processos de transferência, contribuem para uma boa economia linguística no discurso, pois permitem que, no enunciado composto

pelo léxico, ocorra o processo de ilustrar, ou seja, mostrar enquanto se conta algo. Por exemplo, se alguém enuncia em Libras que foi cortar o cabelo, uma mão segura uma mecha de cabelo e a outra, em formato de tesoura, executa a ação de cortar (ARAUJO, 2022).

Taub (2004) também desenvolveu um quadro teórico sobre a característica da iconicidade¹ nas línguas de sinais. A autora considera que em todos os níveis da língua (lexical, morfológico e sintático) há iconicidade, e que “esse modelo não visa representar o que acontece no cérebro do falante, é um modelo de criação de itens linguísticos” (TAUB, 2004: 44). De forma didática, apresenta três etapas:

1. Seleção de imagem, pela qual define-se o que ou qual característica do objeto será selecionado para representá-lo. Pode ser um aspecto visual, como a textura, o som que emite, como se movimenta e assim por diante. Para a autora, essa seleção se dá por tipos diferentes: por metonímia, por extração de um ou mais traços salientes, ou por associação um objeto ao conceito em questão.

2. Esquematização, que requer várias etapas, sendo a primeira delas garantir que a língua possa processar a imagem em questão (recursos fonéticos e morfológicos de cada língua) e, se necessário, exclua ou modifique certos detalhes da imagem.

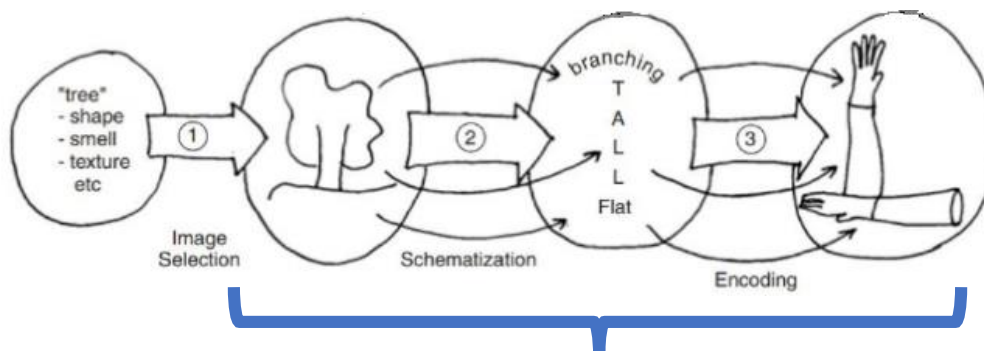
3. codificação, que se dá a partir da esquematização e pela qual se produz uma forma linguística, com o controle de uma unidade linguística com forma/significado, caracterizado como um sinal icônico.

Para ilustrar essas etapas, apresentamos o clássico exemplo do sinal para “árvore”. Taub (2004) explica que a esquematização de três partes é definida para a ASL a) pela colocação de um braço horizontalmente para representar a superfície plana, b) o outro braço na posição vertical para remeter ao cilindro vertical do tronco e c) a mão do braço vertical na configuração ‘5’ para representar os galhos e a copa da árvore. Nessa esquematização, nota-se que os vários articuladores mantêm a estrutura espacial da imagem original. Todos

¹ Há outros estudiosos que se dedicaram a estudar a iconicidade nas línguas de sinais. Contudo, diante do pequeno espaço destinado a este artigo não é possível e propósito fazer uma revisão exhaustiva. Para maiores informações, consultar a revisão desenvolvida por Sallandre (2003).

esses elementos resultam na forma linguística árvore icônica em língua americana de Sinais (ASL), bem como em outras, como a Libras.

Figura 1: Iconicidade na formação do sinal para ÁRVORE



Nesse processo existem operações de transferências (CUXAC, SALLANDRRE, 2002).

Fonte: Adaptado de “Language from the Body Iconicity and Metaphor in American Sign Language” de S. F Taub, 2001: 44

A iconicidade apresentada em Taub (2001) se assemelha ao que ocorre no processo de transferência de Cuxac (2000). Contudo, trabalhando em uma perspectiva cognitiva, Taub (2004) explica que esse é um trabalho conceitual. A iconicidade é resultado de um esforço mental humano e depende das associações conceituais, mentais e culturais. Como argumenta a autora, “a linguagem está profundamente entrelaçada com nossas experiências do mundo: nossa interação social, nossas instituições culturais e até mesmo nossos pensamentos são frequentemente moldados e mediados pela linguagem” (TAUB, 2004: 10).

Um elemento de diferenciação entre os estudos de Cuxac (2000) e Taub (2004) é que Cuxac (2000) e todos os trabalhos subsequentes (CUXAC; SALLANDRE 2002; CUXAC 2003; CUXAC e SALLANDRE, 2007; FUSELLIER-SOUZA, 2006) das pesquisas realizadas na Universidade de Paris 8 trabalham com o discurso, observam enunciados concretos, com a língua viva, em uso, em contexto, enquanto que o trabalho de Taub (2004) apresenta os signos isolados com propósito ilustrativo.

Portanto, fazemos o seguinte questionamento: sinais icônicos que se referem a conceitos teóricos de determinados campos do conhecimento, no contexto de novos conceitos a serem aprendidos por alunos surdos, seriam

melhores para a aprendizagem? Parece-nos que Campello (2008), ao desenvolver a sua tese, toca nesse tema ao dar destaque à “descrição imagética” na educação dos surdos, que têm “o direito a uma pedagogia que leva em consideração as bases de visualidade pertinentes a sua primeira língua: a LSB” (CAMPELLO, 2008: 111).

Campello (2008) trata da explicação em língua de sinais, dos modos de enunciar determinados conceitos com o recurso à descrição imagética, mas não necessariamente em criação lexical e padronização, em cujos processos é importante considerar a iconicidade. Como a Libras tem anos de uso e reconhecimento legal recente, importa-nos mais tratar da emergência lexical em determinadas áreas do conhecimento. Tal contexto merece um estudo aprofundado de aspectos linguístico-discursivos de condensação de formas lexicalizadas.

1.1 Estudos sobre processos de criação lexical

Nesta subseção, apresentaremos alguns estudos sobre processos criativos com foco em sinais lexicalizados para o desenvolvimento do campo científico em geral.

Correia e Coelho (2015: 193) compartilham em seu trabalho a experiência de ensino de surdos no ensino médio, problematizando a tradução de conceitos filosóficos para a língua gestual português (LGP). As autoras justificam que “pelo compromisso teórico e o imperativo legal (legislação portuguesa) as aulas de filosofia deveriam acontecer em língua gestual portuguesa”. O experimento empreendido procurou perceber de que modo a LGP resolve o problema da ausência de sinal.

A partir de discussões com os alunos e da gravação desses encontros, que compuseram um *corpus* em vídeo, as pesquisadoras realizaram uma análise de três produções em LGP. Seu intuito era perceber se e como os três alunos surdos sinalizadores explicavam/clarificavam os conceitos. Os resultados indicaram que os alunos recorreram à datilologia ou a gestos padronizados (sinais convencionalizados) já existentes na língua. Por exemplo, para o conceito “razão” da filosofia, os alunos usavam [PENSAR]. As autoras concluíram que “o não recurso à grande iconicidade como forma de dizer os conceitos veio

contrariar as nossas expectativas” (CORREIA; COELHO, 2015: 212 e 213). As autoras esperavam que as expressões em língua de sinais com o recurso à iconicidade (transferência) de forma espontânea pudessem permitir a construção de novos sinais para representar os conceitos de filosofia em língua de sinais.

Outros pesquisadores e educadores de surdos, no Ensino Superior, propõem também a criação e convencionalização de novos sinais-termo para a referência a conceitos teóricos estudados, sem a utilização de sinais já empregados para outros referentes, advertindo que,

quando esses conteúdos são ministrados ou estudados por meio da Libras, como língua de instrução[,] salientamos que se faz necessário ter o cuidado para não usar os mesmos sinais da Libras já convenionados para outros conceitos acadêmicos, que possam sobrepor ou confundir os estudantes na significação dos novos conceitos em estudo, em nova perspectiva teórica. Essa prática pode prejudicar significativamente a aprendizagem dos alunos surdos, principalmente, que passam a elaborar os novos conceitos de forma equivocada já que o uso indiscriminado do léxico não contribui para a compreensão da complexidade dos conceitos produzidos pelas diferentes correntes teóricas. (ALBRES ET AL., 2022: 105)

Por sua vez, faz-se importante, como aponta Faria-do-Nascimento (2009), o conhecimento de como funciona a criação terminológica para a utilização de novos sinais.

[C]onscientizar estudantes surdos, de cursos de graduação, a respeito dos processos de construção terminológica permitirá o enriquecimento ainda mais acelerado da LSB, e a rápida sistematização e divulgação dos neologismos terminológicos acarretará o acesso e o domínio mais rápido, também, dos intérpretes para adequarem sua tradução ao contexto emergente. (FARIA-DO-NASCIMENTO, 2009: 58)

Outro estudo sobre a criação de sinais levantou e analisou neologias do campo da Física em línguas de sinais em três *corpora*. Tal trabalho encontrou distintos sinais para um mesmo conceito, fazendo um alerta: “sem um mecanismo nacional de normalização/padronização, cada escola ou sala de aula bilíngue, em cada estado, usará diferentes denominações (gestos) para um mesmo conceito (termo), gerando uma grande variação denominativa” (NAVES, 2019: 21).

O autor, que se baseia no Modelo da Iconicidade Analógica de Taub (1997, 2000, 2001) e no modelo semiológico de Cuxac (1993, 2000, 2001, 2003), constatou que, em sua maioria, sem nenhum planejamento linguístico, as

neologias foram criadas por alunos surdos, possivelmente do ensino médio, imediatamente após explicação e seção didática, durante as quais, talvez pela primeira vez, os conceitos lhes foram ensinados, sem o suporte de especialistas no tema ou adultos surdos pesquisadores. Naves aponta então a (in)consistência e (in)suficiência metodológica dessas pesquisas, e propõe que

ferramentas semânticas e icônicas que otimizaria[m] as dinâmicas de criação de gestos icônicos com o propósito de denominar conceitos científicos, onde as relações entre forma, referente e significado poderia[m] ser construída[s] em um ambiente controlado, com propriedades linguísticas consistentes e produtivas, e para propósitos terminológicos específicos. (NAVES, 2019: 358).

Expressões altamente icônicas são enunciados completos em que ocorrem as transferências (transferência de forma e tamanho, de situação, de pessoa) e em que há uma estruturação morfossintática que agrupa muitas significações. Em outras palavras, ao mesmo tempo, em um enunciado se qualificam os sujeitos e objetos da ação por um mapeamento icônico, fazendo uso dos articuladores (mão, braços, corpo, face) nesse processo enunciativo.

Resultados diferentes são encontrados quando comunidades surdas com línguas de sinais emergentes interagem de forma natural e espontânea. Fusellier-Souza (2002) indica o emprego de signos gestuais com sequências mímicas de produção caracterizadas por estruturas de grande iconicidade e signos gestuais com forma estabilizada. A autora cita o trabalho de Yau (1992), afirmando que, quando se tem a estabilização lexical em uma língua de sinais, muito provavelmente “o nascimento do léxico passa por sequências lexicais descritivas e, além disso, as lexias estabelecidas são derivadas dos componentes dessas sequências lexicais (YAU, 1999: 178; apud FUSELLIER-SOUZA, 2006: 82 - tradução nossa)².

Assim, os processos de criação e de estabilização lexical em línguas de sinais estariam fortemente relacionados à característica da iconicidade dessas línguas gestuais-visuais.

² “la naissance du lexique passe nécessairement par des séquences lexicales descriptives et, de plus, les lexies établies sont issues des composants de ces séquences lexicales” (YAU, 1999: 178; apud FUSELLIER-SOUZA, 2006: 82)

2. Considerações a respeito do estudo de caso

A partir de uma abordagem qualitativa de pesquisa, desenvolvemos um estudo de caso. Dessa forma, com o objetivo de aprofundar a descrição de determinado fenômeno, “o investigador pode optar pelo estudo de situações típicas (similares a muitas outras do mesmo tipo)” (GODOY, 1995: 25). A situação que colocamos em foco é a necessidade de elaboração/criação de sinais-termo para conceitos teóricos quando da presença de surdos pesquisadores que trabalham com determinada teoria.

Trabalhamos com um estudo de caso a partir de múltiplas unidades de análise. Dessa forma, pretende-se compreender o fenômeno da definição conceitual e terminológica em Libras e elaborar sinais-termo³ para conceitos bakhtinianos.

Dentre as formas de análise, estão a observação participante e a análise documental de traduções produzidas pelo Núcleo de pesquisa Intertrads e de sinais-termo padronizados, publicados no glossário de sinais-termo e disponibilizados em canal do *Youtube* do grupo. Para tanto, traçamos como objetivo identificar e discutir o emprego de processos de iconicidade em sinais-termo para conceitos teóricos da perspectiva dialógica bakhtiniana da linguagem.

Felten (2016: 93) explica que, “ao criar um sinal-termo, é necessário que consideremos os mecanismos que podem estabelecer essas unidades léxicas. Todo o processo de formação de novas Unidades Léxicas (ULs) é compreendido como neologia”. Neste estudo, temos como base a propriedade da iconicidade como elemento preponderante para o estudo e elaboração em língua de sinais.

Felten e Finatto (2021) avançam que, na análise de qualquer tipo de definição, como por exemplo a definição terminológica (DT), não é possível

³ **Sinal-termo:** Termo da Língua de Sinais Brasileira para representar conceitos com características de linguagem especializada, própria de classe de objetos, de relações ou de entidade. 2. Termo criado para, na Língua de Sinais Brasileira, denotar conceitos contidos nas palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento e do saber. 3. Termo adaptado do português para representar conceitos por meio de palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento da Língua de Sinais Brasileira (FAULSTICH, 2012).

deixar de lado a concepção filosófica. Nesse sentido, a definição é uma prática que permeia a faculdade mental humana que procura expressar a natureza das coisas ou que formula a sua essência. Os autores aclaram que a definição terminológica se particulariza por ser o enunciado-texto que dá conta de conceitos de termos ou de expressões de uma área científica, técnica ou tecnológica.

Temos como propósito deste estudo a apresentação da elaboração do sinal-termo, a partir da coleta de dados, sobretudo documental, em língua de sinais, a partir do conceito. No entanto, não temos no escopo do trabalho a apresentação de uma definição terminológica em Libras neste artigo para os conceitos estudados, mesmo que a conceituação ou definição tenha sido, preponderantemente, parte do processo de elaboração do sinal-termo.

Para este artigo, selecionamos o conceito-chave de “cronotopo” de Bakhtin (1988), cujo sinal-termo foi elaborado a partir de pesquisa em nosso *corpus* de estudo (vídeos de traduções de textos acadêmicos, já mencionados), no referido glossário e nos registros de nossas experiências no grupo de pesquisa como falantes nativos engajados em atividades interativas com o propósito de estudar os conceitos teóricos da perspectiva dialógica da linguagem, ou seja, na perspectiva da “observação participante”.

Consideramos, nesse sentido, que antes da criação do sinal-termo, houve o processo de definição terminológica do conceito em língua de sinais durante as discussões do grupo de estudos. Assim, o processo de elaboração e concepção do sinal-termo “cronotopo” contempla os seguintes aspectos:

- A localização do conceito na esfera acadêmica, tendo como público-alvo surdos e ouvintes universitários inseridos e interlocutores na teoria da análise dialógica do discurso e teorias correlacionadas.
- O conceito teórico de “cronotopo” discutido pelo grupo de pesquisa.
- Os princípios que fundamentaram o processo de formação dos sinais-termo, a partir do modelo semiológico de Cuxac (2000).
- A discussão dos principais elementos para a composição do sinal-termo, assim como as sequências lexicais descritivas em Libras utilizadas pelo núcleo de pesquisa sobre o conceito.

- A forma final convencionalizada no grupo de pesquisa para o sinal-termo de “cronotopo”, que passará a ser utilizado no grupo de pesquisa para discussões em Libras.

Como já dito, o *corpus* da pesquisa foi produzido pelo Núcleo de pesquisa “Intertrads”, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina e ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, o que confere um caráter público e de investimento governamental para o fomento à pesquisa. As traduções publicadas no site são cobertas por seção de direitos de imagem dos tradutores e os sujeitos que produzem o glossário são os próprios autores deste artigo. Nesse sentido, não requer a solicitação do consentimento livre informado.

Estalella e Ardèvol (2007) explicam que, para pesquisas com materiais provindos de espaços virtuais, faz-se importante a conferência de propriedades específicas (público ou privado) e canais do *Youtube* são considerados publicações de acesso aberto, mas conferem autoria. Nesse sentido, foram tomadas decisões éticas como pesquisadoras, pautadas no fato de que, apesar de o *corpus* ser público, há presença explícita e aberta de pessoas que devem ser nomeadas e reconhecidas como tradutores ou produtores de conteúdo.

3. O processo de criação de sinais-termo

Nesta seção, apresentamos a proposição de metodologia para a formação de sinais-termo (sinais lexicalizados) que vem sendo empregada pelo Núcleo de pesquisa “Intertrads”.

Primeiramente, expomos alguns princípios estabelecidos pelo núcleo de pesquisa para a tradução dos conceitos da perspectiva dialógica da linguagem, o que corresponde à criação lexical:

- o modelo semiológico de Cuxac (2000) é a base teórica, em que a iconicidade é a característica essencial das línguas de sinais, devendo ser sempre considerada no processo de criação lexical. Assim, procurou-se formar sinais cuja iconicidade estabelecesse relações de similaridades entre o conceito teórico e a forma do sinal (o significante);

- a economia linguística e a funcionalidade na execução dos sinais são consideradas. Assim, os sinais não podem ser extensos e de difícil articulação manual;

- a criação neológica busca eliminar ambiguidades em relação a sinais já convencionalizados na Libras. Assim, evitou-se utilizar outro sinal do mesmo circunlóquio já convencionalizado, mas com a possibilidade de trabalhar com a composição, em parte, de diferentes sinais icônicos. Compreende-se que a língua de sinais é produtiva. Nesse sentido, conceitos próximos podem compartilhar (ao menos em parte) um mesmo mapeamento mental. Dessa forma, definições terminológicas sinalizadas e sinais-termo já estabelecidos ou já em uso na comunidade acadêmica em interações em Libras colaboram para a elaboração de novos sinais-termo conceituais.

Em nosso estudo, dentre os inúmeros conceitos caros aos estudos do grupo, interessou-nos, especificamente, o de “cronotopo”. Tal interesse se deu a partir das considerações da literatura relacionada e de produções de autores que se filiam a essa perspectiva teórica, para então apresentar a proposição de um sinal-termo para esse conceito em Língua Brasileira de Sinais.

O conceito de cronotopo (BAKHTIN, 1988, 1993) é formado por radicais de origem grega: *cronos*, que significa tempo, e *topos*, que significa espaço. Segundo o pensador russo Bakhtin, o cronotopo determina a imagem do homem na literatura, verificada em sua temporalidade e espacialidade específicas. Sendo assim, para compreender o sentido em um romance, é necessário recorrer aos cronotopos, que se cruzam e se confrontam, determinando a imagem do sujeito no mundo que ele representa de acordo com o tempo no qual se encontram personagens inacabadas em um processo de evolução. Dito de outra forma, o tempo relacionado ao espaço constitui a personagem e suas transformações ao longo da vida.

Praticamente todos os gêneros literários apresentam cronotopos. Contudo, a ênfase analítica de Bakhtin é dada aos gêneros narrativos, como “o romance, a biografia, a epopeia, o idílio, o romance picaresco e os contos populares[, que] representam, para ele, gêneros de assimilação do tempo e de espaços históricos numa dinâmica social” (MACHADO, 1995, p. 255). Destaca-se ainda que “o cronotopo determina de maneira significativa também a imagem do indivíduo na obra, sendo essa imagem sempre espaço-temporal” (BAKHTIN, 1993: 212).

Para Bakhtin, os cronotopos do romance organizam diferentes modos de existir dos personagens: “[...] muitas obras estão francamente construídas sobre o cronotopo da estrada, dos encontros e das aventuras que ocorrem pelo caminho” (BAKHTIN, 1988: 223). Amorim (2010: 102) complementa que “o cronotopo da estrada, em um certo tipo de romance, indica o lugar onde se desenrolam as ações principais, onde se dão os encontros que mudam a vida dos personagens”. Dessa forma há uma indissociabilidade do tempo e do espaço na literatura.

Em síntese, tempo e espaço são inseparáveis. A estrada, nessas obras, é o lugar onde se escande e se mede o tempo da história. A cada vez, é preciso voltar a ela para que o tempo avance, mostrando que existe um traço entre os tempos: o passado, o presente e o futuro que estão interligados pela memória. A vida humana e a natureza são percebidas nas mesmas categorias: o espaço-tempo construído pelo narrador é tecido de forma que a vida, mesmo voltada para o futuro, é sempre um ciclo que se mostra no eterno retorno.

Nos encontros de estudo e discussões teóricas do grupo de pesquisa, as primeiras explicações ou formas de se referir ao “cronotopo” estavam formadas pelo emprego do sinal /TEMPO/ e /PERÍODO/, como indicado no quadro 1. Contudo, sabíamos que essa forma de expressão era provisória e não indicava de forma adequada o complexo conceito.

Quadro 1: Explicação - descritivas para o conceito e “cronotopo”




CRONOTOPO (soletração)			
	TEMPO	PERÍODO	LIVRO (literatura)
	Descrição da articulação do sinal: Mão esquerda fechada, palma para baixo; mão direita em 1, palma para baixo. Tocar a ponta do dedo indicador no pulso esquerdo.	Descrição da articulação do sinal: Mãos horizontais abertas, palma a palma, a cada lado do corpo, na altura da cintura. Movimento alternado para cima e para baixo.	Descrição da articulação do sinal: Mão esquerda aberta, palma para cima; mão direita em L, palma para a esquerda. Passar o dedo indicador direto sobre a palma esquerda.

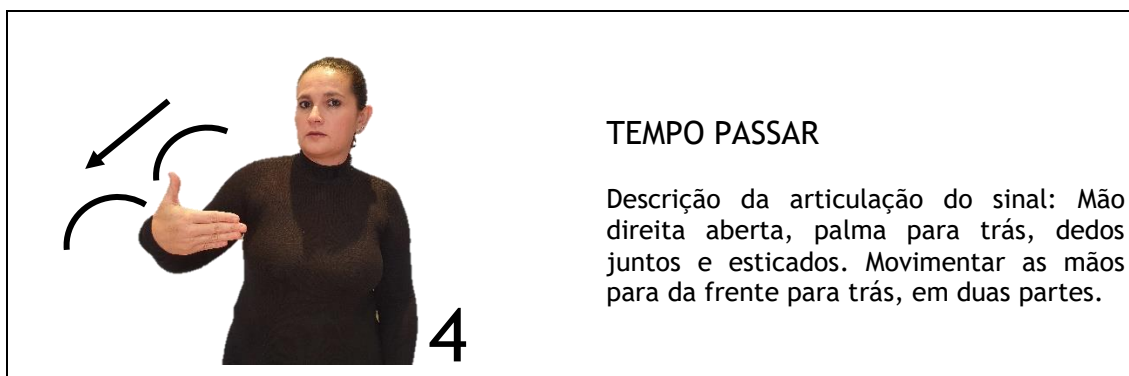
Fonte: produzido pelos autores

Durante as discussões do grupo de pesquisa, compreendíamos que era preciso fazer a seleção de alguns elementos para a composição do sinal-termo para esse conceito. Portanto, uma segunda etapa consistiu no levantamento de diferentes formas de enunciar tempo e espaço em libras (ver quadros 2 e 3 a seguir).

A busca em dicionários foi bastante restritiva. Então, contamos com nossa própria experiência como falantes de Libras e, logo, passamos a usar essas diferentes formas de enunciar para explicar os conceitos. Experimentamos as diferentes configurações de mãos e processualmente foram sendo escolhidas as que menor ambiguidade produziam.

Quadro 2: Levantamentos das possíveis expressões em Libras para crono/tempo

CRONO/TEMPO	
	<p>TEMPO</p> <p>Descrição da articulação do sinal: Mão esquerda fechada, palma para baixo; mão direita em 1, palma para baixo. Tocar a ponta do dedo indicador no pulso esquerdo.</p>
	<p>TEMPO PERÍODO</p> <p>Descrição da articulação do sinal: Mãos horizontais abertas, palma a palma, a cada lado do corpo, na altura da cintura. Movimento alternado para cima e para baixo.</p>
	<p>TEMPO PASSAR</p> <p>Descrição da articulação do sinal: Mãos abertas, palmas para trás, dedos separados e curvados. Movimentar as mãos da frente para trás, tamborilando os dedos.</p>



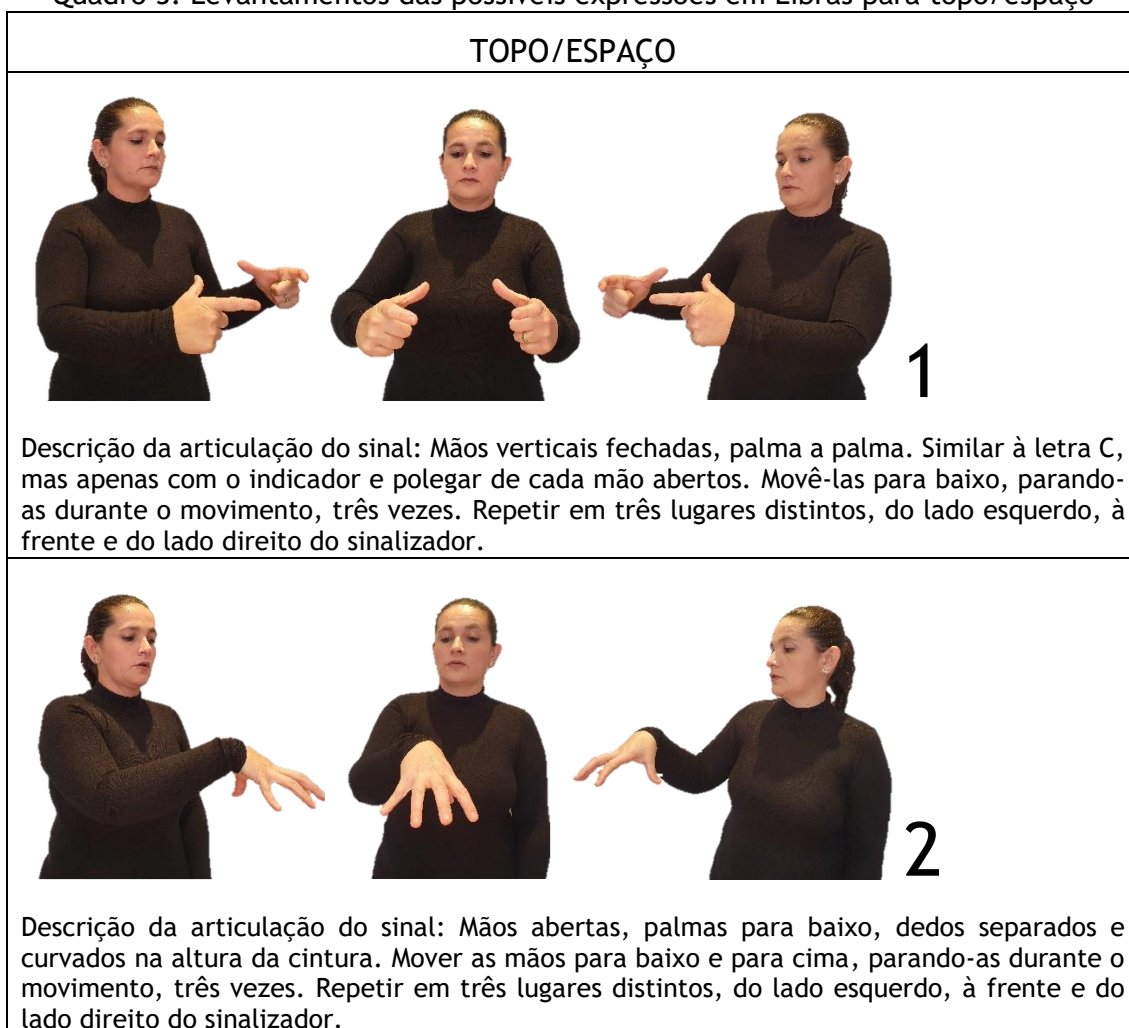
TEMPO PASSAR

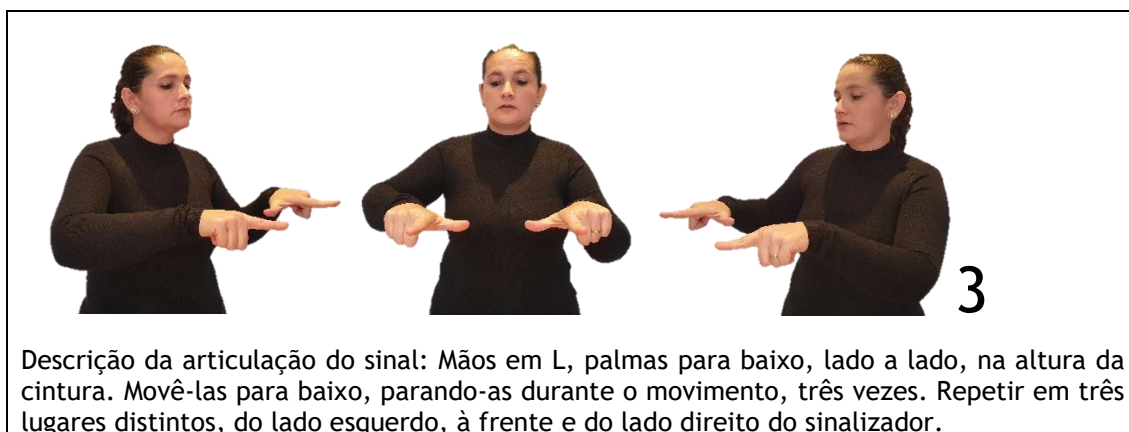
Descrição da articulação do sinal: Mão direita aberta, palma para trás, dedos juntos e esticados. Movimentar as mãos para da frente para trás, em duas partes.

Fonte: produzido pelos autores

Considerando que o conceito não faz referência ao tempo do relógio, mas ao tempo que se passa na história de um romance, o percurso vivido no desenrolar das cenas, a melhor forma de explicar esse conceito seria pelos dedos oscilando, com a produção inicial do sinal no ombro, projetando-o para a frente (Quadro2 - Linha 3).

Quadro 3: Levantamentos das possíveis expressões em Libras para topo/espaco





Fonte: produzido pelos autores

Entre as três possibilidades, para o conceito de espaço, considerou-se que a segunda opção (Mãos abertas, palmas para baixo, dedos separados e curvados) melhor se enquadrava para a composição no novo sinal (Quadro 3 - Linha 2), visto que as demais configurações poderiam confundir a interpretação do conceito, por alusão a outros sinais já estabelecidos no campo da Linguística e dos Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais - ETILS.

Teoricamente, o conceito de cronotopo enfatiza a indissociabilidade do tempo e espaço na literatura. Nesse sentido, a produção do tempo e espaço em uma mesma mão de base refere-se a essa ligação entre um e outro. Como a história se passa na literatura, que remete a “livro”, o sinal passou a ser executado tendo como ponto de articulação ou ponto de contato a palma da mão que representa iconicamente a página de um livro.

Quadro 4: Sinal-termo CRONOTOPO e suas partes





Fonte: produzido pelos autores

Verificou-se a presença da iconicidade pelo reaproveitamento dos sinais referentes a livro, tempo e espaço. Assim, a criação do sinal de “cronotopo” fez uso de sinais já estabelecidos na língua, relacionando-os entre si para produzir e provocar novos sentidos.

Comparando os sinais de livro, tempo e espaço de forma isolada, observa-se que, quando relacionados em um novo arranjo articulatório, a construção de um novo signo com significante icônico acontece. Nesse caso em particular, o interlocutor terá acesso ao conceito ao congregar os principais elementos selecionados para referenciar o conceito de “cronotopo” em Libras. Tal resultado foi obtido pela observação, e consequente identificação, desse sinal em contexto real de uso nos encontros de estudo do grupo de pesquisa e em suas traduções disponibilizadas no canal do *Youtube*, assim como no glossário de sinais-termo. Nesse contexto, a sua criação, que se deu pela tradução, por produto lexicográfico e por discussões, foi, em certa medida, natural.

É importante, como afirma Campello (2008: 112), reafirmar o direito a uma educação visual, “considerando-se que a pedagogia visual pode ser compreendida como aquela que se ergue sobre os pilares da visualidade, ou seja, que tem no signo visual seu maior aliado no processo de ensinar e aprender”. Nesse mesmo sentido, pensando no processo de ensino-aprendizagem, Moreira (2020: 16) afirma que a criação de sinais-termo é uma resposta à necessidade atual no meio acadêmico, e que “o processo deve ocorrer de forma cada vez mais desvinculada dos empréstimos linguísticos e utilizando os aspectos próprios de uma língua visual”.

Considerações Finais

A participação atual de pessoas surdas em universidades públicas brasileiras que primam pela igualdade de direitos em relação a pessoas ouvintes, desde o seu acesso até a sua permanência, leva-nos a constatar a necessidade e a urgência de modos de expressão em Libras de conceitos teóricos a serem empregados nesse contexto e, no caso de nosso trabalho, nas pesquisas de doutorandos e mestrandos surdos.

O estudo apresentado, centrado no fenômeno da elaboração ou criação de sinais-termo, indica uma contribuição da abordagem semiológica para a análise das línguas de sinais, mas também e, principalmente, para a criação ou elaboração de sinais-termo em processos de tradução que considerem as características visuais das línguas de sinais.

O sinal-termo criado para o conceito bakhtiniano de “cronotopo” lançou mão, em contexto de grupo de pesquisa, da tradução, de produto lexicográfico e de discussões da própria teoria, indicando possibilidades de composição de novos sinais-termo pela iconicidade. Esta, característica das línguas de sinais, segue, como pensamos ter demonstrado, princípios funcionais para a produção, elaboração ou criação dos sinais, os quais são econômicos para uma produção sintética.

Referências

- ALBRES, N.; DE OLIVEIRA DA SILVA, E. A.; SANTIAGO, V. A. A.; TERRAZAS, C. M. L. A Tradução De Termos Técnico-Científicos Do Campo Dos Estudos Da Tradução Para A Libras Em Processo De Ensino-Aprendizagem. PERcursos Linguísticos, [S. l.], v. 12, n. 32: 104-126, 2022. DOI: 10.47456/pl.v12i31.39041.
<https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/39041>.
- AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth (org.) Bakhtin: outros conceitos chave. São Paulo: Contexto, 2010.
- ARAUJO, Adriana Dias Sambranel de. Línguas visuais em foco. CLARABOIA, Jacarezinho/PR, n.17, p. 39-54, jan./jun, 2022. ISSN: 2357-9234.
https://seer.uenp.edu.br/index.php/claraboia/issue/download/71/pdf_83
- BAKHTIN, M. Questões de Literatura e Estética. São Paulo: Editora UNESP, 1993.
- BAKHTIN, M. M. Questões de literatura e estética: a teoria do romance. São Paulo: Hucitec/ USP, 1988.

- BRITO, F. B. de. O movimento social surdo e a campanha pela oficialização da língua brasileira de sinais. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/T.48.2013.tde-03122013-133156.
- BRITO, Lucinda Ferreira. Por uma gramática de línguas de sinais. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.
- CAMPELLO, Ana Regina e Souza. Pedagogia visual na educação dos surdos-mudos. Doutorado de Educação. Programa de Pós-Graduação de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. 2008.
- CORREIA, F. S.; COELHO, O. Aprender/ensinar filosofia em língua gestual portuguesa. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 23, n. 3: 193-217, Set./Dez. 2015 Disponível em: https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/6466/pdf_45
- CUXAC, C. Iconicité des Langues des Signes. In: Faits de langues, n° 1, Mars 1993. Motivation et iconicité : 47-56; doi: <https://doi.org/10.3406/flang.1993.1034>. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/flang_1244-5460_1993_num_1_1_1034
- CUXAC, C. La langue des signes française (LSF); les voies de l'iconicité, dans Faits de Langues 15/16, Ophrys, Paris, 2000: 47-56.
- CUXAC, C. Compositionnalité Sublexicale Morphémique- Iconique En Langue Des Signes Française. Recherches Linguistiques de Vincennes, 2000 : 55-72.
- CUXAC, C. Les langues des signes: analyseurs de la faculté de langage. Acquisition et interaction en langue étrangère 15. Association Encrages, 2001: 11-36. Disponível em: <http://aile.revues.org/536>.
- CUXAC, C. Iconicité des langues des signes: mode d'emploi. Les Cahiers de Linguistique Analogique 1. A.B.E.L.L., Université de Bourgogne, 2003: 239-263. doi:10.3406/flang.1993.1034.
- CUXAC, C., SALLANDRE, M. Iconicity in Sign Language: A Theoretical and Methodological Point of View. In I. Wachsmuth & T. Sowa (Eds.), Gesture and Sign Language in Human-Computer Interaction and Embodied Communication. GW 2001. Lecture Notes in Computer Science. 2002. (vol. 2298: 173-180). Springer, Berlin, Heidelberg. https://doi.org/10.1007/3-540-47873-6_18
- CUXAC, C.; SALLANDRE, M. Iconicity and arbitrariness in French Sign Language: Highly iconic structures, degenerated iconicity and diagrammatic iconicity. In Elena Pizzuto, Paola Pietrandrea & Raffaele Simone (eds.), Verbal and signed languages: Comparing structures, constructs and methodologies, 2007: 13-34. Mouton de Gruyter. doi:10.13140/RG.2.1.4884.8483.
- ESTALELLA, A.; ARDÈVOL, E.. Field Ethics: Towards Situated Ethics for Ethnographic Research on the Internet. Forum Qualitative Sozialforschung / Forum:

- Qualitative Social Research, [S.l.], v. 8, n. 3, n.p., set. 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17169/fqs-8.3.277>.
- FARIA-DO-NASCIMENTO, S. P. de. Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira. Uma Proposta Lexicográfica. Tese de doutorado. Brasília: UnB/ LIP. 2009.
- FELTEN, E., & FINATTO, M. J. B. A Definição Terminológica em Libras: Rumos e Frentes de Pesquisa. Porto Das Letras, 6(6), 123-151. 2021. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/11441>
- FUSELLIER-SOUZA, I. Processus de création et de stabilisation lexicale en langue des signes (LS) a partir d'une approche semiogénétique. GLOTTOPOL, n. 7: 72-95, jan, 2002. Disponível em: http://glottopol.univ-rouen.fr/telecharger/numero_7/gpl7_04fuselliersouza.pdf
- FAULSTICH, E. Sinal-Termo. Nota lexical. Centro Lexterm, 2014.
- GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa. Revista de Administração de Empresas São Paulo, v. 35, n.3: 20-29 Mai./Jun. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 22 jan. 2023.
- MACHADO, I. O romance e a voz. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- MOREIRA, F. S. R. (2020). O uso de sinais-termo como ferramenta conceitual na descrição das estruturas sintáticas para o ensino de bilinguismo para surdos. The ESPECIALIST, 41(1). Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2318-7115.2020v41i1a14>
- NAVES, Taynã Araujo. Bases terminológicas para a intervenção linguística normalizadora em línguas gestuais, na área da física. Tese apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de doutor em Ciências da Cognição e da Linguagem por. Instituto de Ciências da Saúde. Junho, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/28587/1/TESE%20-%20vers%C3%A3o%20final%20-%20ajustes%20finais2.pdf>
- SALLANDRE, Marie-Anne. Les unités du discours en Langue des Signes Française. Tentative de catégorisation dans le cadre d'une grammaire de l'iconicité.. Linguistique. Université Paris VIII Vincennes-Saint Denis. T H E S E - DOCTEUR DE L'UNIVERSITE PARIS 8. Français. 2003. Disponível em: https://theses.hal.science/tel-00185376/preview/These_vol1.pdf
- SOUZA, A. T. de M. R. de A língua gestual portuguesa no ensino de geometria descritiva: terminologia específica. Mestrado em Língua Gestual Portuguesa e Educação de Surdos. Universidade Católica Portuguesa. Portugal. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/28522>
- TAUB, S. F.. Language from the Body: iconicity and metaphor in American Sign Language. Cambridge: Cambridge University Press. 2001. doi:10.1017/CBO9780511509629.

- YAU, S.-C. Création Gestuelle et début du Langage - Création de langues gestuelles chez les sourds isolés, Langages Croisés, Hong Kong. 1992. Disponível em: https://www.persee.fr/docAsPDF/clao_0153-3320_1988_num_17_1_1268.pdf
- VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Ed. 34, 2017, 373p.
- FARIA-DO-NASCIMENTO, S. P. de. O conflito entre o in vivo e o in vitro no advento da terminologia em língua de sinais brasileira: em busca do equilíbrio. Estudos de lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia das 2022 línguas de sinais [recurso eletrônico] / Daniela Prometi, Erivaldo de Jesus Marinho, Gláucio de Castro Júnior, Patricia Tuxi (orgs.). -1. ed. - Curitiba: Appris, 2022. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1KLqCqVsGyuFCalhTa7w95jOHfzvGlaW7>